



Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!
Quem me dera que se gravassem num livro!"

16 19:23

Literatura



Machado de Assis
O Bote de Rapé



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com

O Bote de Rapé
Machado de Assis

Atualização ortográfica e projeto gráfico

Iba Mendes

Publicado originalmente em 1878.

Ilustração da capa: Armando Pacheco.

Livro Digital nº 834 - 1ª Edição - São Paulo, 2017.

Teatro - Literatura Brasileira.

Joaquim Maria Machado de Assis
(1839 - 1908)



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: iba@ibamendes.com, a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, TXT, RTF, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem quaisquer critérios. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

Iba Mendes

O BOTE DE RAPÉ
COMÉDIA EM SETE COLUNAS



PERSONAGENS:

TOMÉ

UM RELÓGIO NA PAREDE

ELISA (sua mulher)

O NARIZ DE TOMÉ

UM CAIXEIRO

CENA I

Tomé, Elisa (entra vestida).

TOMÉ

Vou mandar à cidade o Chico ou o José.

ELISA

Para?...

TOMÉ

Para comprar um bote de rapé.

ELISA

Vou eu.

TOMÉ

Tu?

ELISA

Sim. Preciso escolher a cambraia,

A renda, o gorgorão e os galões para a saia,

Cinco rosas da China em casa da Natté,
Um par de luvas, um *peignoir* e um *plissé*,
Ver o vestido azul, e um véu... Que mais? Mais nada.

TOMÉ (*rindo*)

Dize logo que vás buscar se uma assentada
Tudo quanto possui a Rua do Ouvidor.
Pois aceito, meu anjo, esse imenso favor.

ELISA

Nada mais? Um chapéu? Uma bengala? Um fraque?
Que te leve um recado ao Dr. Burlamaque?
Charutos? Algum livro? Aproveita, Tomé!

TOMÉ

Nada mais; só preciso o bote de rapé...

ELISA

Um bote de rapé! Tu bem sabes que a tua Elisa...

TOMÉ

Estou doente e não posso ir à rua.
Esta asma infernal que me persegue... Vês?
Melhor fora matá-la e morrer de uma vez,
Do que viver assim com tanta cataplasma.
E inda há pior do que isso! inda pior que a asma:
Tenho a caixa vazia.

ELISA (*rindo*)

Oh! se pudesse estar
Vazia para sempre, e acabar, acabar
Esse vício tão feio! Antes fumasse, antes.
Há vícios jarretões e vícios elegantes.
O charuto é bom tom, aromatiza, influi
Na digestão, e até dizem que restitui
A paz ao coração e dá risonho aspecto.

TOMÉ

O vício do rapé é vício circunspeto.
Indica desde logo um homem de razão;
Tem entrada no paço, e reina no salão
Governa a sacristia e penetra na igreja.
Uma boa pitada, as ideias areja;
Dissipa o mau humor. Quantas vezes estou
Capaz de pôr abaixo a casa toda! Vou
Ao meu santo rapé; abro a boceta, e tiro
Uma grossa pitada e sem demora a aspiro;
Com o lenço sacudo algum resto de pó
E ganho só com isso a mansidão de Jô.

ELISA

Não duvido.

TOMÉ

Inda mais: até o amor aumenta
Com a porção de pó que recebe uma venta.

ELISA

Talvez tenhas razão; acho-te mais amor
Agora; mais ternura; acho-te...

TOMÉ

Minha flor,
Se queres ver-me terno e amoroso contigo,
Se queres reviver aquele amor antigo.
Vai depressa.

ELISA

Onde é?

TOMÉ

Em casa do Real;
Dize-lhe que me mande a marca habitual.

ELISA
Paulo Cordeiro, não?

TOMÉ
Paulo Cordeiro.
Queres,

ELISA
Para acalmar a tosse uma ou duas colheres

TOMÉ
Do xarope? Verei.

ELISA
Até logo, Tomé.

TOMÉ
Não te esqueças.

ELISA
Já sei: um bote de rapé. (*Sai*)

CENA II

Tomé, depois o seu Nariz.

TOMÉ
Que zelo! Que lidar! Que correr! Que ir e vir!
Quase, quase lhe falta tempo de dormir.
Verdade é que o sarau com o Dr. Coutinho
Quer festejar domingo os anos do padrinho,
É de *primo-cartello*, é um grande sarau de truz.
Vai o Guedes, o Paca, o Rubirão, o Cruz,
A viúva do Silva, a família do Mata,
Um banqueiro, um barão, creio que um diplomata.
Dizem que há de gastar quatro contos de réis.
Não duvido; uma ceia, os bolos, os pastéis,

Gelados, chá... A coisa há de custar-lhe caro.
O mau é que eu desde já me preparo
A despender com isto algum cobrinho... O quê?
Quem me fala?

O NARIZ

Sou eu; peço a vossa mercê
Me console, inserindo um pouco de tabaco.
Há três horas jejuo, e já me sinto fraco,
Nervoso, impertinente, estúpido, — nariz,
Em suma.

TOMÉ

Um infeliz consola outro infeliz;
Também eu tenho a bola um pouco transtornada,
E gemo, como tu, à espera da pitada.

O NARIZ

O nariz sem rapé é alma sem amor.

TOMÉ

Olha podes cheirar esta pequena flor.

O NARIZ

Flores; nunca! jamais! Dizem que há pelo mundo
Quem goste de cheirar esse produto imundo.
Um nariz que se preza odeia aromas tais.
Outros os gozos são das cavernas nasais.
Quem primeiro aspirou aquele pó divino,
Deixas as rosas e o mais às ventas do menino.

TOMÉ (*consigo*)

Acho neste nariz bastante elevação,
Dignidade, critério, empenho e reflexão.
Respeita-se; não desce a farejar essências,
Águas de toucador e outras minudências.

O NARIZ

Vamos, uma pitada!

Um instante, infeliz! (*À parte*)

Vou dormir para ver se aquieto o nariz.

(*Dorme algum tempo e acorda*)

Safa! Que sonho; ah! Que horas são!

O RELÓGIO (*batendo*)

Uma, duas.

TOMÉ

Duas! E a minha Elisa a andar por essas ruas.

Coitada! E este calor que talvez nos dará

Uma amostra do que é o pobre Ceará.

Esqueceu-me dizer tomasse uma caleça.

Que diacho! Também saiu com tanta pressa!

Pareceu-me, não sei; é ela, é ela, sim...

Este passo apressado... És tu, Elisa?

CENA III

Tomé, Elisa, um Caixeiro (com uma caixa)

ELISA

Enfim!

Entre cá; ponha aqui toda essa trapalhada.

Pode ir.

(*Sai o caixeiro*)

Como passaste?

TOMÉ

Assim; a asma danada

Um pouco sossegou depois que dormitei.

ELISA

Vamos agora ver tudo quanto comprei.

TOMÉ

Mas primeiro descansa. Olha o vento nas costas.
Vamos para acolá.
Cuidei voltar em postas.

ELISA

Ou torrada.

TOMÉ

Hoje o sol parece estar cruel.
Vejamos o que vem aqui neste papel.

ELISA

Cuidado! é o chapéu. Achas bom?

TOMÉ

Excelente.
Põe lá.

ELISA (*põe o chapéu*)

Deve cair um pouco para a frente.
Fica bem?

TOMÉ

Nunca vi um chapéu mais teful.

ELISA

Acho muito engraçada esta florzinha azul.
Vê agora a cambraia, é de linho; fazenda
Superior. Comprei oito metros de renda,
Da melhor que se pode, em qualquer parte, achar.
Em casa da Creten comprei um peignoir.

TOMÉ (*impaciente*)

Em casa da Natté...

ELISA

Cinco rosas da China.
Uma, três, cinco. São bonitas?

TOMÉ
Papa-fina.

ELISA
Comprei luvas *couleur tilleul, crème, marron*;
Dez botões para cima; é o número do tom
Olhe este gorgorão; que fio! que tecido!
Não sei se me dará a saia do vestido.

TOMÉ
Dá.

ELISA
Comprei os galões, um *fichu*, e este véu.
Comprei mais o *plissé* e mais este chapéu.

TOMÉ
Já mostraste o chapéu.

ELISA
Fui também ao Godinho,
Ver as meias de seda e um vestido de linho.
Um não, dois, foram dois.

TOMÉ
Mais dois vestidos?

ELISA
Dois...
Comprei lá este leque e estes grampos. Depois,
Para não demorar, corri do mesmo lance,
A provar o vestido em casa da Clemence.
Ah! Se pudesse ver como me fica bem!
O corpo é uma luva. Imagina que tem...

TOMÉ

Imagino, imagino. Olha, tu pões-me tonto
Só com a descrição; prefiro vê-lo pronto.
Esbelta, como és, hei de achá-lo melhor
No teu corpo.

ELISA

Verás, verás que é um primor.
Oh! a Clemence! aquilo é a primeira artista!

TOMÉ

Não passaste também por casa do dentista?

ELISA

Passei; vi lá a Amália, a Clotilde, o Rangel,
A Marocas, que vai casar com o bacharel
Albernaz...

TOMÉ

Albernaz?

ELISA

Aquele que trabalha
Com o Gomes. Trazia um vestido de palha...

TOMÉ

De palha?

ELISA

Cor de palha, e um *fichu* de filó,
Luvas cor de pinhão, e a cauda atada a um nó
De cordão; o chapéu tinha uma flor cinzenta,
E tudo não custou mais de cento e cinquenta,
Conversamos do baile; a Amália diz que o pai
Brigou com o Dr. Coutinho e lá não vai.
A Clotilde já tem a *toilette* acabada.

Oitocentos mil-réis.

O NARIZ (*baixo a Tomé*)
Senhor, uma pitada!

TOMÉ (*com intenção, olhando para a caixa*)
Mas ainda tens aí uns pacotes...

ELISA
Sabão;
Estes dois são de alface e estes de alcatrão.
Agora vou mostrar-te um lindo chapelinho
De sol; era o melhor da casa do Godinho.

TOMÉ (*depois de examinar*)
Bem.

ELISA
Senti, já no bonde, um incômodo atroz.

TOMÉ (*aterrado*)
Que foi?

ELISA
Tinha esquecido as botas no Queirós.
Desci; fui logo à pressa e trouxe estes dois pares;
São iguais aos que usa a Chica Valadares.

TOMÉ (*recapitulando*)
Flores, um peignoir, botinas, renda e véu.
Luvas e gorgorão, fichu, plissé, chapéu,
Dois vestidos de linho, os galões para a saia,
Chapelinho de sol, dois metros de cambraia...
(*Levando os dedos ao nariz*)
Vamos agora ver a compra do Tomé.

ELISA (*com um grito*)

Ai Jesus! esqueceu-me o bote de rapé!



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com